

“LOUCAS”, MARGINAIS, ESCRITORAS: AS SUBJETIVIDADES DE MAURA LOPES CANÇADO E STELA DO PATROCÍNIO

PINHEIRO, Alexandra Santos¹
FLORES, Bianca Cardozo²

RESUMO: Neste artigo, temos o propósito de refletir as obras *Hospício é Deus*, diário da mineira Maura Lopes Cançado sobre seus dias em uma instituição psiquiátrica; e *Reino dos bichos e dos animais é meu nome*, livro organizado por Viviane Mosé, com a transcrição da fala poética de Stela do Patrocínio. Tanto Maura Lopes Cançado quanto Stela do Patrocínio foram escritoras marginalizadas por dois vieses: por serem mulheres e por serem “loucas”. As duas usaram da literatura, escrita ou não, para expor suas subjetividades. A investigação é de cunho bibliográfico e recorre a Michel Foucault, Joan Scott, Isaías Pessotti, Pegoraro e Caldana, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Loucura; Subjetividade; Maura Lopes Cançado; Stela do Patrocínio.

“CRAZY,” MARGINALIZED, WRITERS: THE SUBJECTIVITIES OF MAURA LOPES CANÇADO AND STELA DO PATROCÍNIO

ABSTRACT: In this article, we aim to reflect on the works *Hospício é Deus*, a diary by Maura Lopes Cançado from Minas Gerais about her days in a psychiatric institution; and *Reino dos bichos e dos animais é meu nome*, a book organized by Viviane Mosé, with the transcription of the poetic speech of Stela do Patrocínio. Both Maura Lopes Cançado and Stela do Patrocínio were writers marginalized by two biases: for being women and for being “crazy”. Both used the literature, written or otherwise, to expose their subjectivities. The research is of a bibliographic nature and draws on Michel Foucault, Joan Scott, Isaías Pessotti, Pegoraro and Caldana, among others.

KEYWORDS: Madness; Subjectivity; Maura Lopes Cançado; Stela do Patrocínio.

¹ Professora titular da Universidade Federal de Dourados UFGD. Integra o grupo de pesquisa Crítica feminista e Autoria feminina: cultura, memória e identidade - UFGD. Também integrante do GT A mulher na Literatura e é Bolsista de Produtividade em Pesquisa - PQ2. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-4119-4740>
E-mail: alexandrapinheiro@ufgd.edu.br

² Mestre em Literatura e Práticas Culturais; FACLE – UFGD; Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil; E-mail: biaphcardozo@gmail.com; Bolsista CAPES. Orcid. <https://orcid.org/0009-0000-7820-8918>

Em *O segundo sexo*, uma das obras mais importantes para as teorias feministas do século XX, Simone de Beauvoir já defendia que o ser mulher é determinado pela socialização, chamando a atenção para a construção identitária imposta às mulheres desde antes do nascimento. Enquanto o homem é o universal, a mulher é o outro, a outra, tendo que responder a expectativas irreais (Cf. Beauvoir, 1949, p. 9-12). A autora questiona o que é ser mulher quando pensada a partir de uma concepção que a vê a feminilidade (modo de ser, de se vestir, de falar, e, conseqüentemente, de ser subjugada) como sinônimo de fragilidade. E o corpo físico, interligado às entranhas das amarras sociais, faz parte das manobras de aprisionamento. A análise das relações de gênero, enquanto categoria, explica a construção e a perpetuidade de uma cultura que insiste em controlar os corpos. Na história, esse controle se firmou sobre os corpos femininos de diversas formas – negou-se o direito ao espaço público/político e à decisão aos próprios ventres. Negações instituídas que perseveram escondidas nas falácias de uma “natureza”, um jeito natural de ser.

Em “Tecnologia do gênero”, Teresa de Lauretis ressaltou as construções sociais e culturais - ou seja, a ideia de que o sujeito é “constituído no gênero, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais” (Lauretis, 1994, p. 208). O que existe, nestas representações, é a criação da imagem de sujeito feminino que ocupa um segundo lugar, oposta ao universal-masculino, e extremamente subjetiva. E a possibilidade de um deslocamento, de uma mudança, só se dá com a aceitação de que mulher, enquanto identidade, não pode existir. O que a maioria das estudiosas propõe é a desconstrução do gênero. E, para isso, é preciso revisitar a história e seus discursos, a exemplo do atestado de doença mental como justificativa para a limpeza social dos corpos deslocados de Stela do Patrocínio e Maura Lopes Cançado.

Michel Foucault afirma que a subjetividade da loucura pode ser vista pelo viés do eu e do não-eu (1995, p. 167): o credo de que se distingue um louco do não louco com base em experiências pessoais. Se, para mim, certo comportamento é inadequado, julgo anormal quem o defende e quem o pratica. O que é normal ou não é antes criado e perpetuado pela cultura a qual se insere, a ser definido por ideologias, hábitos e religiões particulares. O que explica a dificuldade em compreender os percalços trilhados pela loucura e suas não-definições ao longo das épocas, conduzidos, acima de tudo, por verdades construídas: “Cada sociedade tem seu

regime de verdade, sua “política geral” de verdade: [...]; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro” (Foucault, 2002, p. 12).

A compreensão das relações de poder e violência, que engendram os mecanismos e as instâncias citadas por Foucault, contribui para o entendimento da história da loucura. Inicialmente, desde a idade clássica até, principalmente, o advento dos manicômios, a loucura possuía diversas caras: mulheres que se negavam a casar e a ter filhos, mulheres que ousavam querer aprender, moradores de rua, prostitutas, homossexuais, por fim, todos aqueles que não obedeciam ao padrão imposto. Uma loucura vista aqui para além da historiografia tradicional centrada pela psiquiatria, que poderia apontar o início e a organização desta apenas enquanto doença, desconsiderando as mudanças da episteme, em virtude de uma razão instaurada sob a inconsistência da “verdade”, denunciadas por Foucault.

Devemos considerar também que o pressuposto sobrenatural, alavancado na Idade Média em virtude do cristianismo, aliado ao valor maligno dado ao corpo feminino, até mesmo pelo viés organicista, alimentou o discurso e a prática de condenação “dos loucos” – ou, simplesmente, deslocados -, principalmente as “loucas”, ao limbo terreno do julgamento normativo apoiado por um Deus que inspirava medo: “Derivam-se daí, por exemplo, as lutas contra os hereges que, por insistirem em cultuar divindades “pagãs”, são vistos como encarnações do demônio” (Ceccarelli, 2005, p.472). Muitas das mulheres queimadas como bruxas apresentavam condutas que poderiam ser descritas como depressivas ou ansiosas.

Em *Malleus Maleficarum*, lançado em 1486, Heirinch Kramer e James Sprenger deduziam histeria como um acesso satânico. Além disso, indicavam que a sexualidade feminina também estava ligada ao profano e era, impreterivelmente, inferior. Sprenger elenca motivos para a existência de tantas bruxas: “Por causa do defeito original de sua inteligência, são mais propensas a abusar da fé; assim também devido ao seu outro defeito, distúrbio passional e afetivo, infligem múltiplas vinganças, seja por bruxaria ou por outros meios” (Kramer; Sprenger, 1976, p. 25). Por outro lado, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, durante o pré-capitalismo, a sexualidade das mulheres é completamente desqualificada quando a produção é separada da reprodução. Sua sensualidade não é mais pelo o que a mulher é temida e perseguida, neste momento, as bruxas são as mulheres que fogem do plano maior: gerar mais mão de obra.

Para Silvia Federici, em *O calibã e a bruxa*, a caça às bruxas fica ainda mais intensa entre os séculos XVI e XVII, no período da crise populacional, quando regular o corpo das

mulheres não era mais apenas trabalho da igreja católica, como também do Estado (Federici, 2017, p. 145). Federici mostra as consequências desastrosas da caça às bruxas (no seu desenlace entre a fase demonista e a capitalista) para a psique feminina no decorrer dos séculos. A perseguição e o controle dos corpos das mulheres não só as transformaram em “servas”, como a própria autora discorre, mas também instituíram a imagem degradada da mulher que tem seu corpo aterrorizado de diversas maneiras: são bruxas por estarem possuídas pelo demônio, por aceitarem sua sexualidade, por serem independentes ou por não deixarem seus corpos disponíveis para os homens ou qualquer instância de poder governada por eles.

Atualmente, as bruxas são revividas pelo feminismo como símbolo de revolta, conceito que ganha força em um contexto diferente, mas sem esquecer o passado. Sexualmente desinibidas, “não-mães”, “não-esposas”, ou nada disso (ou tudo), as loucas, ainda que inimigas de Deus, assim como Maura Lopes Cançado, que sempre se viu julgada por um Deus carrasco, agora podem escrever, mesmo que dentro de suas jaulas, hospícios, prisões. No Brasil, a jornalista Daniela Arbex, na obra *Holocausto Brasileiro*, retratou os crimes cometidos no maior hospício do Brasil, a conhecida **Colônia**. Anterior à reforma psiquiátrica, iniciada no Brasil no final da década de 70 do século XX, o “hospital” de Barbacena, em Minas Gerais, mais parecia um campo de concentração nazista: estima-se que mais de 60 mil pessoas foram mortas durante seu período de funcionamento.

Os condenados, nas palavras de Eliane Brum, autora do prefácio da obra, eram: “Cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, [...] meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento” (Brum *apud* Arbex, 2013, p. 14). A obra de Cunha, por sua vez, explica esses casos pelo aspecto histórico cultural, afirmando haver uma fronteira um pouco mais tênue entre a loucura e a razão para as pessoas do gênero feminino. Ou seja, as mulheres sempre são condicionadas ao lugar de inferioridade, na saúde e na doença: “Para as mulheres, [...], é geralmente na esfera da vida privada, dominada pelas questões do corpo e da família, que a loucura é perseguida (Cunha, 1986, p. 128-129).

Na década de 50, depois da inauguração de diversos hospícios, a conhecida “indústria da loucura” teve como consequência instituições superlotadas, com um número insuficiente de médicos e funcionários, e pacientes sem o tratamento necessário. Além, é claro, de uma prática psiquiátrica que também precisava de reforma. Sobre o saber em torno da loucura, Foucault

defendeu: “Em todo caso, me parece que todos os grandes abalos que sacudiram a psiquiatria desde o fim do século XIX, essencialmente colocaram em questão o poder do médico” (2008, p. 123). Entre esses abalos, é possível citar a precariedade que marcou boa parte da história do tratamento aos loucos e a deficiência em separar patologia de valores sociais.

É nesse cenário que escreve Maura Lopes Cançado e balbucia Stela do Patrocínio. Elas escreveram sobre suas experiências nos hospícios em que passaram boa parte de suas vidas. Cançado discorre sobre a violência das guardas e chega a teorizar sobre seu próprio diagnóstico, quando se sente incomodada com a postura do psicanalista (homem) em tentar encontrar problemáticas sexuais a todo o momento: “Em relação ao sexo a coisa é um desastre: lápis, caneta, dedo, nariz, são símbolos fálicos. É irritante” (Cançado, 2015, p. 37-38). Não escreveu só sobre o Engenho de Dentro, Cançado também relata o terror da Colônia Juliano Moreira:

Algumas guardas daqui trabalharam na colônia. Elas dizem que é preferível morrer. Cercada de matas espessas, as doentes fugitivas são comidas por animais ferozes, contam. Composta por vários hospitais – homens e mulheres – velhos imundos, comida infame, camas sujas com percevejos e outros bichos, muitas doentes dormem no chão – sobretudo apanham muito. Não se faz tratamento nas doentes por se considerá-las irreversíveis (Cançado, 2015, p.57).

Foi nessa colônia que Stela do Patrocínio ficou internada durante quase 30 anos. Ainda que tenha vivido a reforma psiquiátrica, Stela revela se sentir presa contra a sua vontade, levando tombos e resistindo:

Estar internada é ficar todo dia presa
Eu não posso sair, não deixam eu passar pelo
portão
Maria do Socorro não deixa eu passar pelo portão
Seu Nelson também não deixa eu passar lá no
portão
Eu estou aqui há vinte e cinco anos ou mais
(Patrocínio, 2001, p. 54-55).

Com Maura Lopes Cançado e Stela do Patrocínio, as questões de gênero transpassam a condição de mulheres apenas como sujeitos sociais e repercutem sobre um encargo ainda mais

subversivo, a subjetividade de mulheres em situação asilar. Enquanto Cançado narrou sua vida em *Hospício é Deus*, pouco se sabe da vida de Stela do Patrocínio anterior ao hospício, mas as duas escreveram ou falaram sobre os padrões sociais que tentaram condicioná-las, ainda que de maneiras diferentes. Stela, negra e pobre, reforça a indispensabilidade de se repensar o feminismo, marcado por uma história branca, em virtude de como as necessidades, se consideradas as questões desiguais de raça e classe, são diferentes. Embora distantes, as duas sentiram na pele as expectativas que reduzem as experiências femininas ao campo familiar considerado “normal”. No trecho a seguir, por exemplo, Stela do Patrocínio permite enxergar o julgamento recebido por não ter marido ou filhos:

Eles disseram pra mim
Você não pode passar sem um homem
Sem mulher sem criança sem os bichos sem os animais
Mas alimentação e superalimentação você também não pode ter (Patrocínio, 2009, p. 90).

Cançado, por sua vez, vagou sobre a sombra da imoralidade, dentro e fora do hospício. Uma imoralidade que acusa apenas um gênero. Abusada quando criança, passou a se sentir suja e sexual demais sob o olhar de um Deus julgador. Aos 15 anos, separada e mãe solteira, foi expulsa de diversos pensionatos e só encontrou proteção em um hospício. Dentro das instituições psiquiátricas em que foi internada, a situação não mudou. Maura Lopes Cançado registra o incômodo em ser analisada por psicanalistas interessados em apontar a sexualidade feminina como culpada dos transtornos investigados. Longe de pertencer ao espaço social aceito, a mineira fugiu de qualquer norma imposta: “O hospício nos dá oportunidade de fazer tudo o que lá fora não nos é permitido (talvez aí esteja a chave: não suporto lá fora)” (Cançado, 2015, p. 53). Por outro lado, essa “liberdade” é atravessada por diferentes violências, e Cançado tinha consciência disso: “Com o que escrevo poderia mandar aos “que não sabem” uma mensagem do nosso mundo sombrio” (Cançado, 2015, p. 31).

O discurso naturaliza e (re)significa, a todo o momento, as práticas ideológicas e as relações de poder, e “não tem apenas um sentido ou uma verdade, [...] não escapa à historicidade: define-se como conjunto das regras que caracterizam uma prática discursiva (Foucault, 2008, p. 144-145). O filósofo vai um pouco além das ideias de Saussure e afirma que as relações entre as palavras e as coisas formam um conjunto de regras, e, por isso, não há como tratar os discursos como um conjunto de signos apenas (Foucault, 1986, p. 56). Nesse sentido,

as variadas formas de arte não só representam como trespassam a inscrição dos sujeitos e dos discursos que os formam no contexto social em que estão inseridos. As duas protagonistas desta análise, com expressões tão diferentes, não podem ser reduzidas como delirantes porque foram capazes de traduzir suas realidades através de textos esteticamente únicos. Stela do Patrocínio, ainda que pareça desorganizada, é dona de uma fala poética completamente lúcida. Ela se expressava de forma diferente, em seu próprio ritmo. Talvez falasse assim por causa de seus transtornos psiquiátricos, “delirando”, ou, pode ter descoberto o próprio jeito de contar-se, talvez fosse mesmo única. Sabia estar “há 25 anos ou mais” na Colônia, sabia não ter família e ser da “família do cientista”, o mais importante, no entanto, é que sabia que precisava usar da voz para manifestar seu “falatório”:

Eu gosto mesmo é de escrever
De fazer número
Em papelão
Continuar repetindo o que eu acabei de fazer no dia
Quando eu tô com vontade de falar
Tenho muito assunto muito “falatório”
Não encontro ninguém pra quem eu possa conversar
Quando não tenho uma voz mais
Não tenho um “falatório”
Uma voz mais
Vocês me aparecem
E querem conversar conversar conversar (Patrocínio, 2009, p. 131).

Maura Lopes Cançado insistiu na escrita. Stela do Patrocínio precisou contar o seu “falatório” todo, que, às vezes, parecia não caber nela. A literatura, nestes casos, se desdobra e se desvencilha de qualquer limitação. Para a história, textos como *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* e *Hospício é Deus* dizem muito sobre o contexto em que essas mulheres viveram e sobre o funcionamento de instituições psiquiátricas no período de transição - causado por uma reforma antimanicomial. Para a crítica literária, as duas obras introduzem subjetividades diferentes e autônomas, apresentadas em estéticas literárias. Para nós, leitores dispostos, há a possibilidade de nos comunicarmos com o desconhecido e desafiar o que é íntimo.

A subjetividade de Maura Lopes Cançado

Audaciosa, libertina, despeitada, desequilibrada, fantasiosa, extravagante, escandalosa, anormal, sem classe e cheia de vícios: assim se falou sobre Maura Lopes Cançado em vida. “Louca ou excêntrica – no começo, ninguém sabia direito” (Meireles, 2015, p. 205), comenta o jornalista Maurício Meirelles no perfil biográfico presente na quinta edição de *Hospício é Deus*. Como a própria Maura afirma, ela “nunca decepcionou”, nem mesmo quando criança, sempre foi em excesso. Nascida em São Gonçalo do Abaeté, em Minas Gerais, no dia 27 de janeiro de 1929, a menina Maura cresceu em uma fazenda no interior. Lá experienciou afeto, “as lembranças mais remotas – as únicas despidas de angústia. Eu devia ser uma menina bem pequena, fácil e protegida” (Cançado, 2015, p. 9), e vivenciou o medo, o abuso (Cançado relata ter sido abusada três vezes quando criança) e a morte. De família rica tradicional, extremamente conservadora, acreditava ter herdado de seu pai o “temperamento paranoide”.

Com 14 anos, decidiu voar. No aeroclube, conheceu Jair Praxedes, com quem se casou – a contragosto do pai –, engravidou do único filho, Cesarion, e logo se separou, ainda aos 15 anos de idade. Após a separação, tentou voltar às aulas de aviação e, inclusive, ganhou um avião da mãe. A partir daqui, há um ponto crucial em sua trajetória, deixa de ser a menina superprotegida pelo pai, que não pôde livrar a garota de uma sociedade mineira extremamente conservadora. Maura tentou estudar e recomeçar a vida, mas era expulsa das escolas e dos pensionatos assim que conheciam sua bagagem – separada e mãe solteira. Já se sentindo sozinha e incompreendida, decide se internar pela primeira vez, aos 18 anos, na Casa de Saúde Santa Maria, em Belo Horizonte, onde ficou do dia 20 de abril ao dia 20 de maio de 1949: “A queda livre de Maura começou no dia 20 de abril de 1949. (...) o início de uma série de internações ao longo da vida, acompanhadas de remédios, sessões de eletrochoques e reclusão em quartos-fortes” (Meireles, 2015, p. 213). Maura pontua a primeira internação como o momento em que passa a “desistir de insistir na vida”:

Após a experiência do sanatório, desisti de insistir na vida em que antes me obstinava. (...) Eu não era a mocinha moradora em pensionatos. (...) Passei a frequentar boates de luxo, aprendi a fumar, embriagava-me todas as noites, gastava minha herança de maneira insensata. Não me preocupava absolutamente com minha reputação. (...) Era considerada uma jovem louca, amoral (ou imoral?), irresponsável, bonita, inteligente e rica (Cançado, 2015, p. 68).

Lopes Cançado decide se mudar para o Rio de Janeiro. Entre idas e vindas nos hospícios, começa a ter seu talento como escritora revelado no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* (SDJB). Em 24 de agosto de 1958, teve seu primeiro poema publicado. Descoberta por nomes como os de Reynaldo Jardim, Assis Brasil, Carlos Heitor Cony e Ferreira Gullar, passou a ser conhecida no Rio de Janeiro e ela mesma chegou afirmar ser “a maior escritora da língua portuguesa”. As conquistas não faziam Maura se sentir menos à margem: “Havia lá fora grande incompreensão. Isto faria rir a muitas pessoas: eu trabalhava no *Jornal do Brasil*, onde me cercavam de grande atenção e muito carinho. (...) Minha posição me marginalizava” (Cançado, 2015, p. 27). Sobre sua vida social na época, achava não ter nenhum valor e reconhecia causar *sérios desastres*:

Sinto medo. Minha vida não é importante, não sou imprescindível a alguém. Ao contrário, consideram-me inútil, até pernicioso. Socialmente não tenho nenhum valor. Costumo causar sérios desastres a meus amigos. [...]. Sebastião de França se viu obrigado a atirar-se ao mar, em Copacabana, sem saber nadar, às oito horas da noite, completamente nu, para salvar-me (era domingo) de uma tentativa de não sei bem o quê (nado muito bem), quase morrendo afogado, e em seguida ameaçado de ser preso – por atentado ao pudor público. Apesar de tudo sinto medo do que pode tomar conta de mim. Levar-me para ---- Onde? – Seria necessário aprender a proteger-me contra mim mesma (Cançado, 2015, p. 37).

Um pouco antes das entrevistas por causa de sua escrita (e muito antes do incidente em 1972), Maura já havia aparecido em colunas policiais do Rio de Janeiro. Acusava o amante Gilson Lobo, dono de uma empresa carioca, de mandar dois funcionários a obrigarem a sair do Rio e, diante da recusa, de tentarem matá-la. João Vaz, um dos funcionários, responde à denúncia, e define Maura Lopes Cançado como “louca, mulher despeitada” e a acusa de tentar jogar “na rua da amargura uma família que sempre viveu na mais perfeita harmonia”. Percebendo não se encaixar na falsa e hipócrita *harmonia* tradicional, Maura inicia a fase mais crítica da vida:

Foi aqui que começou uma fase mais crítica de sua vida. Um ano depois, em 1955, ela trancou-se no banheiro de um amigo e tentou o suicídio. Após ser socorrida, levaram-na à 2ª Delegacia de Polícia do Rio, onde disse não se lembrar de nada. Falou também não ter

casa e sentir-se faminta e abandonada. (...) Maura passou o Natal e o Ano Novo de 1957 em sua primeira internação no Gustavo Riedel, no Engenho de Dentro, deixando o hospital pouco depois do Carnaval de 1958. É esse hospital que, mais tarde, vai parar nas páginas de *Hospício é Deus* (Meireles, 2015, p. 215).

Esta fase, talvez, já fornecia indícios da Maura que tomava forma na matéria “Ninguém visita a interna do cubículo 2”, de Margarida Autran, publicada em 1977 para o jornal *O Globo*. Cançado, cumprindo seu último ano de pena pela acusação de homicídio de Maria das Graças Queiroz, uma jovem grávida de apenas 19 anos, também internada na Clínica de Saúde Dr. Eiras à época. A imagem daquela que outrora havia se enxergado como a maior escritora da língua portuguesa é aterradora:

Afinal ela surge trôpega, amparada e ofuscada pelo sol que há muito tempo não a aquece. O banho de sol também lhe é negado. Precocemente envelhecida, os cabelos manchados por uma tintura antiga, mal se equilibrando sobre os sapatos de plataforma, Maura não procura disfarçar sua intensa emoção. Não sabe se acende o cigarro ou se enxuga as lágrimas. Tem tanto o que falar e tanto o que perguntar (Autran. Apud. Cançado, 1991).

“Física e psiquicamente doente, desnutrida, olhos e dentes exigindo cuidados imediatos, sem nenhum tratamento psiquiátrico, da Maura que surgiu como revelação no SDJB, em 58, resta apenas a desconcertante lucidez e a surpreendente inteligência”, conclui a jornalista. Considerada inimputável pela justiça, Maura encontrou no fim da vida o que temeu durante toda a sua existência: não teve lugar no mundo, foi jogada de hospício a hospício. Ao final, lançou apenas duas obras: *Hospício é Deus*, diário que contempla sua passagem de 1959 a 1960 no Engenho de Dentro –uma das várias que se sucederam –, conquistou muitas críticas positivas quando lançado em 1965, assim como seu segundo e último livro, a obra de contos *Sofredor do ver*, lançado em 1968. Após a sua morte, em 19 de dezembro de 1993, sua fortuna crítica teve como resposta um silêncio que durou por anos, até voltar a ser editada pela editora Autêntica, em meados de 2015, quando passou a ganhar nova notoriedade em diversos estudos acadêmicos.

Como personagem de sua própria história, Maura-menina é eleita como avessa ao comum: “a verdade é que eu já era uma candidata aos hospícios onde vim parar” (CANÇADO, 2015, p. 13). O simples e o ordinário lhe causavam repulsa e solidão: o que era oferecido pelo

mundo e por todas as outras pessoas sempre lhe pareceu muito pouco; criou um mundo próprio e a escrita surge, neste momento, como fuga de um mundo insuficiente. Mas, talvez, Maura tivesse razão quando já se afirmava diferente, alheia aos outros: “um sangue diferente parecia correr-me nas veias – e os outros estavam tão distantes” (Cançado, 2015, p. 16): quando criança buscou refúgio no *faz de conta*; quando adulta, em seu âmbito social, foi comparada à sensação de estar em um avião (por alguém com medo de altura); no amor, foi a mulher divorciada quando adolescente, e que, logo mais tarde, estampava as colunas policiais por escandalizar a vida do amante casado. Maura não se distanciava da racionalidade forjada, mas sim, dos valores esculpidos pela burguesia conservadora, assim como ela narra em suas memórias da adolescência nos seguintes trechos:

Mulheres me olhavam pensativas: “Tão nova e já com este drama”. Que drama? Me perguntava irritada. Os homens se aproximavam violentos, certos de que eu devia ceder: “Por que não, se já foi casada?”. Moças de “boas” famílias me evitavam. Mulheres casadas me acusavam de lhes estar tentando roubar os maridos. Os tais maridos tentavam roubar-me de mim mesma: avançavam. Eu tinha medo (Cançado, 2015, p. 23).

(...)

Morava em pensionatos de estudantes, comportava-me normalmente. As moças, tão minhas amigas no princípio, ao descobrirem meu frustrado casamento, passavam a evitar-me. E as freiras exigiram logo minha mudança. Vivi durante muito tempo morando em hotéis familiares, e só quem conhece a mentalidade dos mineiros é capaz de saber o que quer dizer “familiar” em Minas. Se os homens me acham bonita, imediatamente os donos dos hotéis exigiam minha mudança. Se me faziam a corte e não eram correspondidos, contavam na gerência a longa noite de orgia que haviam passado comigo (Cançado, 2015, p. 66).

Quando decidiu se internar pela primeira vez, a sua relação com o hospício estava ligada ao medo e à necessidade em se sentir segura, talvez do perigo do *não-ser*: “como podem viver livres e desprotegidas? Como se sustentam em vida? Como viver no mundo sem sofrer, se é tudo tão perigoso e inusitado? (Cançado, 2015, p. 67). Ainda que essa ideia romantizada não tenha acompanhado Maura em suas internações posteriores, o poder de *ser* parece ter sido vivenciado apenas nas instituições. Segundo o diário, algumas de suas ações só poderiam ser compreendidas quando experienciadas lá. A visão de Maura sobre o hospício em si e sobre a loucura pode ser compreendida em seus diários, a exemplo do primeiro parágrafo do que foi

escrito sob a data 25-10-1959: “Estou de novo aqui, e isto é ---- Por que não dizer? Dói. Será por isto que venho? – Estou no Hospício, deus. E hospício é este branco sem fim, [...] Hospício é não se sabe o quê, porque Hospício é deus” (Cançado, 2015, p. 26).

Maura escreve hospício com a letra maiúscula, e deus com a letra minúscula. O inverso dessa relação faz refletir sobre os seus medos. Por quê? Logo no início do diário, ainda em suas memórias, Maura revela ter mais medo de ser enterrada viva, da morte física, do que de Deus, que representa, de certa forma, as dores da alma - espirituais. O Hospício, de paredes sólidas e físicas, é ainda mais assustador do que o sofrimento que a culpa (por ser má, pecadora), que lhe perturbou uma vida toda. Estar no Hospício dói, mas é necessário para se encontrar. A dor do caminho para se encontrar às vezes é maior que a dor de se perder. Estar internada e se entregar à loucura faz parte das inversões com que Maura enxerga beleza: “O louco é divino, na minha tentativa de fraca e angustiante de compreensão. É eterno” (Cançado, 2015, p. 25).

A mulher que lutou contra tantas amarras, as sociais e as pessoais, passou parte do fim da sua vida em um cubículo de 1 m por 1.5, presa e cega. Se algum dia Cançado esteve livre, essa liberdade foi vivida na loucura. A escrita permite que Maura viva, na liberdade das palavras, que podem se desprender e se reinventar, assim como ela sempre quis, desde o momento em que começou a brincar de “faz de conta” na infância. E o faz de conta continua – nos diversos retratos de Maura Lopes Cançado.

A subjetividade de Stela do Patrocínio

Reino dos bichos e dos animais é o meu nome, ganhador do prêmio Jabuti em 2002, tem a obra de Stela dividida em versos (e por isso é entendido e organizado como poesia por Viviane Mosé), pois, segundo a psicóloga, ao ouvir as gravações, foi inevitável perceber a conexão entre os assuntos e como Patrocínio produzia, através de pausas ou pela emoção dada a cada palavra, certa sonoridade que indicava um ritmo muito próprio, muito poético: “Depois de ouvir uma pequena parte da fita, confirmei que ela usava sempre o mesmo ritmo, possibilitando esta configuração equilibrada que adquirem seus textos” (Mosé, 2001, p. 27).

A ordem em que os textos se manifestam, divididos em seis partes, certamente parece contar uma história, ainda que com o aspecto fragmentado e visceral que sua poética proporciona, do que é viver no hospício. Uma busca em encontrar a “formação” do próprio corpo, diante do sofrimento asilar, marca um eixo temático, que se apresenta em formato gradual: o encarar da realidade de estar em uma instituição manicomial, a recriação de si para

fugir do contexto em que se insere, trechos em que memória e fantasia se misturam e retratam sua relação com a alimentação, o sexo e a maternidade; até o momento final, quando Stela cria para si um novo nome “caixão, enterro, cemitério defunto cadáver”, ao perceber que sua poesia não iria lhe salvar de “cumprir prisão perpétua” (Patrocínio, 2001, p. 97).

Apresentar Stela do Patrocínio não é uma tarefa fácil. Muito de sua história se perdeu, muito do que ela foi, antes da condição de internada, não se sabe. Passos não registrados, existência sem certidão. Em sua extensa e isoladora experiência em hospícios, não foi muito procurada por familiares. Filha de Manoel do Patrocínio e Zilda Xavier do Patrocínio, Stela diz ter nascido no dia 9 de janeiro de 1941, no Rio de Janeiro. Na apresentação fornecida por Viviane Mosé, psicóloga e filósofa organizadora de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, a frase “não pode ser confirmado” se repete. O que se admite agora, no entanto, é a sua história enquanto poesia, que reverbera em diferentes manifestações artísticas.

Diagnosticada com “personalidade psicopática mais esquizofrenia hebefrênica, evoluindo sob reações psicóticas”, foi internada aos vinte e um anos no Centro Psiquiátrico Pedro II, e transferida à Colônia Juliano Moreira quatro anos depois, onde passou o resto de sua vida. A Colônia, ou o núcleo Teixeira Brandão, asilou antes também a sua mãe, Zilda, o sabido outro caso de loucura na família. Segundo os dados reunidos por Mosé (2001), Patrocínio foi empregada doméstica na mesma casa em que viu a mãe enlouquecer; chegou a lhe fazer visitas, mas esta saiu antes da entrada da filha. Não se sabe do paradeiro de Zilda Xavier depois desta passagem pelo hospício. Stela do Patrocínio também comentou sobre suas duas irmãs, um cunhado e dois sobrinhos; nunca falou nada sobre o pai. Em um dos trechos transcritos por Mosé, a poeta afirma não ter família, e que naquele momento era da “família do cientista”, cercada apenas por médicos e psiquiatras:

Você nasce sempre
Tem seus herdeiros e seus hereditários todinhos
Tem sua família
Eu não tenho mais família
Minha família já morreu
Tô na família do cientista
(Patrocínio, 2001, p. 129).

No prontuário de Stela do Patrocínio, constam dados como a idade que Stela tinha quando foi admitida na instituição, “e que ela era da “cor preta”, solteira, trabalhava como doméstica e a família residia à Rua Maria Eugenia, nº 50 apt. 401, em Botafogo, e que deu entrada no hospital em 15/08/62 e na Colônia em 03/03/66” (Apud. Zara, 2014, p. 64). Ainda sobre o prontuário:

Ele é composto por cerca de duzentas páginas, porém sem numeração. A ordenação denota uma preocupação inicial em documentar a entrada e a saída de Stela do Patrocínio na instituição psiquiátrica. As primeiras páginas são as fichas de ingresso nas duas instituições em que Stela viveu como interna, o Centro Psiquiátrico Pedro II, em 15 de agosto de 1962, e a Colônia Juliano Moreira, em 03 de março de 1966, seguido de documentos que se referem à amputação de sua perna esquerda, em 19 de outubro de 1992, no Hospital Cardoso Fontes, em função do diagnóstico de Diabetes mellitus, o que ocasionou sua morte (Zara, 2014, p. 63).

Além das informações sobre sua internação aos 21 anos, o documento também conta que Stela havia sido internada várias vezes durante a infância, e que só recebeu o diagnóstico de “Esquizofrenia residual” após intervenção psiquiátrica quando foi visitar a mãe (internada na época) e “permaneceu morando na Colônia Juliano Moreira” (Zara, 2013, p. 66). Ou seja, o *status* de “doente mental”, de socialmente inapta, foi o único que acompanhou Stela até que houvesse a oportunidade de fala. Não havia ninguém disposto a ouvir o seu “falatório”, e o seu caráter se mantinha restrito ao de paciente. Não espanta que o eu-poético de Patrocínio busque a todo tempo em seu fluxo de consciência uma “forma”, uma identidade. No excerto abaixo, além de confrontar as noções de matéria e de tempo, Stela parece ter consciência de que, sem o seu “falatório”, não havia espaço para o seu raciocínio dentro do manicômio:

Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo

(...)

Eu não tinha formação

Não tinha formatura

(...)

Eu não tinha onde fazer nada dessas coisas

Fazer cabeça, pensar em alguma coisa

Ser útil, inteligente, ser raciocínio

Eu era espaço vazio puro
(Patrocínio, 2001, p. 82).

O seu fazer e o seu corpo precisavam se encontrar em um vazio onde a prisão da Colônia pudesse ser transformada em liberdade de movimento. A professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Neli Gutmacher, junto com a estagiária Carla Gaguilard, foi quem descobriu e proporcionou o primeiro contato com a poética de Stela do Patrocínio. Em trabalho desenvolvido com os pacientes da Colônia Juliano Moreira entre 1986 e 1988, a convite da psicóloga Denise Correia, as artistas plásticas perceberam que a arte de Stela encontrava força em suas cordas vocais:

Apesar de frequentar o ateliê, raramente utilizava os materiais propostos. Quando desenhava, o que era raro, eram coisas quase minimalistas, expressões pequenas, muito próximas à escrita. Algumas vezes escrevia em papelão, frases ou números. Mas o que realmente diferenciou Stela no grupo foi a sua fala. Ao contrário das outras internas, que aceitavam se relacionar com tinta e papéis, ela preferia a palavra. E parecia ter clareza desta preferência. Em sua fala desconcertante, incisiva, cada sílaba era pronunciada com gosto (Mosé, in Patrocínio, 2001, p. 20).

Diante da lucidez e da clareza da mulher de 45 anos, que apareceu no ateliê “sem nenhum dente na boca” (Mosé, in Patrocínio, 2001, p. 21), Gutmacher e Gaguilard decidiram gravar o poderoso discurso de Stela do Patrocínio. Viviane Mosé, então trabalhando em sua tese de doutorado, foi convidada para organizar e ler os textos dos pacientes da Colônia. Como ela conta, Patrocínio chamava a atenção por sua singularidade e subjetividade, além dos limites do delírio. A interna, de instrução secundária, quase não cometia erros gramaticais e era capaz de expor a sua realidade a partir de uma fala ecoada do seu íntimo. Sobre seu passado de estudante, também não se sabe muito, no entanto, seu amor pelas letras aparece em uma parte do capítulo final “Stela por Stela”:

O que você estudou Stela?

Estudei em livro Linguagens

Comment allez vous?

Como você está? thank you very much



O tanque da Vera tá cheio de mate

Ça va bien, a Sra. Vai bem?

Quem te ensinou inglês e francês?

Eu estava na escola aprendendo a ler e escrever

Você foi até que ano na escola?

Fiz o curso primário admissão ginásial normal

Você é professora?

Não sou professora mas tive o trabalho de estudar letra por letra

Frase por frase folha por folha

(Patrocínio, 2009, p. 143)

Se seu prontuário não traçava uma linha de vida, sua fala-poesia rememorava vidas diferentes de um mesmo ser que, assim como Cançado, também brincava com seus vários “eus”, e, além de tudo, denunciava a existência cruel de dentro dos muros do “hospital de doidos malucos”. A potência da fala de Stela deve ser considerada. Como bem elucida Mosé, fala e texto escrito respeitam estruturas completamente diferentes. O impacto também é distinto. É possível encontrar na internet alguns vídeos e gravações de áudio em que se pode ouvir e ver Patrocínio se manifestando, a velocidade com que trabalha as palavras e a sua linguagem corporal são traços únicos que, sem dúvidas, complementam toda a sua poesia. Por este motivo, a busca pela sonoridade, além da transposição apenas em forma de texto corrido, foi a primeira preocupação da organizadora da publicação (Mosé, 2001, p. 27).

Mosé também deixa claro que não houveram cortes durante a transposição, os textos escolhidos foram transcritos na íntegra. Ou seja, ainda que fala e texto escrito sejam diferentes, a publicação é de extrema relevância, pois traz Stela do Patrocínio para os leitores, de alguma forma, em sua totalidade. Comparado à apresentação de Maura, existem pouquíssimos dados sobre quem foi Stela fora dos muros da Colônia. Se não fossem as gravações e a publicação de *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*, a poeta seria um caso de história sem rastros. Sua voz estaria condenada ao esquecimento, como tantas outras confinadas à reclusão destinada aos loucos. “Um discurso que ultrapassou os muros”, reflete Viviane Mosé (2001, p. 31) sobre a importância da palavra de Stela. Os mesmos muros conhecidos por Patrocínio chegaram a envolver 7700 pacientes, as pessoas enviadas para a instituição, em sua maioria, eram aquelas consideradas “incuráveis”, que tendiam a dar seus últimos suspiros no hospital psiquiátrico, assim como foi o caso da poeta aqui estudada.

Inaugurada em 1924, a Colônia Juliano Moreira levou esse nome em virtude do psiquiatra baiano, considerado o pai da psiquiatria científica no Brasil. Venancio (2005) escreve sobre o lugar de Juliano Moreira no campo científico brasileiro e a perspectiva inovadora proposta pelo psiquiatra, cita como exemplo o seu posicionamento em relação à igualdade de raças (Venancio, 2005, p. 70). Ainda que as práticas adotadas fossem modernas, a superlotação da unidade e, conseqüentemente, o atendimento de baixa qualidade fez com que os muros da Colônia guardassem também histórias de terror. Segundo Paulin e Turato (2004), o período ditatorial influenciou muito na precariedade de algumas instituições públicas que tiveram investimentos cortados. Patrocínio, que esteve internada, justamente, neste período crítico, parece refletir sobre a superlotação da Colônia neste trecho: “Mais de quinhentos milhões e quinhentos mil moradores morando no Teixeira Brandão, Jacarepaguá Núcleo Teixeira Brandão, Jacarepaguá E todo dia da segunda terça quarta quinta...” (Patrocínio, 2009, p. 48).

A Reforma Psiquiátrica ofereceu muitas mudanças positivas em relação à saúde mental, e foi, talvez, a partir de sua decorrência que se fez possível Stela ser ouvida. Mas é imprescindível reconhecer como uma trajetória de reclusão, de esquecimento “Onde a alimentação era eletrochoque, injeção e remédio” (Patrocínio, 2009, p. 45) transformou Stela do Patrocínio na escritora em construção que foi. Stela do Patrocínio morreu em 1992, e seu “falatório” continuou a fazer barulho de diversas maneiras.

Conclusão

As subjetividades de Maura Lopes Cançado e Stela do Patrocínio são distintas em relação às suas classes e às suas condições étnicas, mas se cruzam no diagnóstico de “loucas”, na marginalização vivida nas instituições asilares, no desejo de expressarem as suas subjetividades e a de tantas outras singularidades silenciadas em hospitais psiquiátricos. Elas foram mulheres desajustadas, deslocadas do padrão esperado para a época e para os contextos sociais que integravam. Mais além do que a partilha das incertezas em comum de um viver cerceador, as duas usaram do fazer artístico, literário/poético, para escapar de suas realidades. Seus textos se interligam pela dor.

Os discursos acerca da loucura transitaram por diferentes perspectivas: como resposta mítica, como possessão demoníaca e como forma de limpeza social. Na maioria dessas percepções, as mulheres foram diferentemente afetadas – possuíam um útero misterioso que se

movia dentro de seus corpos, o sangue da menstruação causava a histeria, eram, também, consideradas mais suscetíveis ao Diabo por serem traiçoeiras e, portanto, mais frágeis. Com o advento dos manicômios, todas as razões anteriores se confundiam com o olhar de um médico que, por vezes, não diferenciava patologia de valores sociais, tão impregnados em todos os sujeitos de cada tempo.

Autoras como Joan Scott e Teresa de Lauretis afirmam que as teorias de gênero são indissociáveis das discussões sobre as relações de poder e as “verdades” que essas instâncias alimentam. No decurso da história, firmou-se sobre o corpo das mulheres um controle como forma de aprisionamento – mais do que as paredes dos manicômios, as condições do “ser mulher” também punem. Sonia Maluf (2010, p. 35) apontou que existe uma diferença de gênero na aplicação de uma política de saúde que, mesmo numa realidade atual, situa o “ciclo de vida” feminino como fator principal de suas “vulnerabilidades”. Ou seja, o pressuposto biológico ainda se faz presente. O que nos faz questionar: as mulheres adoecem mais porque sofrem mais com a pressão sobre o gênero, ou são mais vezes diagnosticadas por persistir a ideia de que as chamadas doenças dos nervos são inerentes às mulheres?

Stela e Maura, enquanto mulheres consideradas loucas, usaram da literatura, escrita ou não, para expor suas subjetividades. Mesmo com suas diferenças sociais, é possível contextualizar e analisar suas experiências em instituições psiquiátricas e as problemáticas que as condicionavam por serem mulheres, visivelmente dispostas em ambos os textos. As duas, como todos os seres humanos, não têm uma história linear. Maura se organizou enquanto personagem e se refez em sua própria história. Stela assumiu a forma desorganizada, ela era o vazio e era tudo, sem pretensão alguma de se mostrar diferente. Stela sentia que não era ouvida pelo deus que diziam morar no céu. No entanto, a poetisa não deixou que arrancassem sua singularidade e subjetividade.

O destino daquelas que conversam intimamente com o absurdo sempre foi cruel porque contestam uma “natureza”, uma “corrente” e obras como essas ficaram esquecidas por anos, pareciam, por um momento, enterradas com toda uma história de dor, de desrazão. Respeitamos e admiramos as mulheres-literatas analisadas neste artigo e as suas contribuições para esse mundo persistentemente segregador. Há algo de verdadeiro em analisar os vários “eu’s” de discursos desconcertantes como os de Maura e Stela, por vezes nós, enquanto leitoras, pudemos nos encontrar em alguns.

REFERÊNCIAS

- AUTRAN, Margarida. Ninguém visita a interna do cubículo 2. Posfácio a Maura Lopes Cançado. In: *Hospício é Deus*. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.
- ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. São Paulo: Geração, 2013.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 4ª ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.
- CANÇADO, Maura Lopes. *Hospício é Deus, diário I*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. In: *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.10, n.3, p.471-477, set./dez. 2005.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. De historiadoras, brasileiras e escandinavas: loucuras, folias e relações de gêneros no Brasil (século XIX e início do XX). In: *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 181-215, 1998.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FOUCAULT, Michel. *A história da loucura na idade clássica*. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Londres: Routledge, ed, trans R. Sheridan, 1972/1995.
- FOUCAULT, Michel. *O Poder Psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. Loucura, literatura, sociedade. In: Motta, Manoel Barbosa (Org.). *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 17. Ed. São Paulo: Graal, 2002.
- KRAMER, Heinrick.; SPRENGER, Jacobus. *Malleus Maleficarum: manual de caça às bruxas*. São Paulo: Ed. Grupo Três, 1976.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero [1987]. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LOUGON, Maurício. *Psiquiatria institucional: do hospício à reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

- MALUF, Sonia; TORNQUIST, Carmem Susana. (Org). *Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas*. Florianópolis, Santa Catarina: Letras contemporâneas, 2010.
- PATROCÍNIO, Stela do. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Stela do Patrocínio.
- MOSÉ, Viviane (org). Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001.
- PEDRO, Joana Maria. Os feminismos e os muros de 1968, no Cone Sul. In: *Clio - Série Revista de Pesquisa Histórica* - N. 26-1, 2008.
- PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. Nosotras e o Círculo de Mulheres Brasileiras: feminismo tropical em Paris. In: *ArtCultura*. Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 55-69, jan/jun. 2007.
- PEGORARO, Renata Fabiana; CALDANA, Regina Helena Lima. Mulheres, loucura e cuidado: a condição da mulher na provisão e demanda por cuidados em saúde mental. In: *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v.17, n.2, p.82-94, jun. 2008.
- PERROT, Michelle. Corpos subjugados. In: PERROT, Michelle. *As mulheres e os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2005.
- PORTER, Roy. *História social da loucura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- SCARAMELLA, Maria Luísa. Narrativas e Sobreposições: notas sobre Maura Lopes Cançado. Tese de Doutorado em Ciências Sociais pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Campinas, 2010.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat, Maria Betânia Ávila. In: *The American Historical Review*, Chicago, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, dec. 1986.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Para que crítica feminista? (Anotações para uma resposta possível). In: XAVIER, Elódia (Org.). *Anais do VII Seminário Nacional- Mulher e literatura*. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1995.
- VENANCIO, Ana Teresa. As faces de Juliano Moreira: luzes e sombras sobre seu acervo pessoal e suas publicações. In: *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 36, 2005.
- ZARA, Telma Beiser de Melo. Me transformei com esse ‘falatório’ todinho: cotidiano institucional e processo de subjetivação em Stela do Patrocínio”. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais (UNIOESTE). PR: Toledo, 2014.